

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Periodo ogival — Architectura do XIII seculo (Continuação) — pelo sr. J. P. N. da Silva	Pag. 177
Exposição Industrial Portuguesa — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA	» 181

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Pontes romanas em Portugal — pelo socio o sr. Dr. Abbade PEDRO AUGUSTO FERREIRA	» 181
Mémoria de Archeologia — pelo socio o sr. DR. ELMER REYNOLDS	» 184
Explicação da estampa n.º 85 — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA	» 188
Resumo elementar d'archeologia christã (Continuação) — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA	» 189
Chronica	» 190
Noticiario	» 191
Necrologia	» 192

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

PERIODO OGIVAL

ARCHITECTURA DO XIII SEculo

(Continuado do n.º 9 pag. 136)

As abobadas com artezões, os contra-fortes, e as ogivas, nas suas proporções e relações reciprocas, foram pois os elementos característicos d'essa architectura.

Em toda esta nova disposição era natural supprimir ou transformar uma das fórmas principais da architectura de volta inteira: queremos fallar da absis, d'essa semi-calote espherica, que coroava a extremidade oriental, a parte do monumento, onde era o logar do altar-mór. A introdução da abobada de barrete tinha já feito applicar, em alguns monumentos, a volta inteira no final do XII seculo e artezões nas abobadas, cujo resultado foi a substituição da forma espherica para cobrir a capella-mór com uma outra forma tendo varios lados, isto é, com uma forma polygonal. No XIII seculo esta forma veio a ser geral nos monumentos, e de tal sorte mesmo que a capella-mór não era mais senão uma cousa á parte, com uma apparencia particular e independente do resto do edificio; porém o seu limite de feitio polygonal pertencia ao systema ge-

ral da nova construção; pois ficava confundida com o resto, e então fazia uma parte separada da mesma construção.

Acabámos de apreciar o nascimento da estrutura geral da criação architectonica do XIII seculo; notámos qual era a sua differença comparada ao estylo de volta inteira. Occupando-nos agora dos seus detalhes architectonicos, descobriremos igualmente uma transformação total.

Já se tinham esquecido as tradições da architectura antiga no XIII seculo. Os edificios levantados n'essa época teem uma physionomia tão original, todas as partes formam um conjuncto tão homogeneo, que parece ser o resultado d'uma arte inteiramente nova. Todavia, recordando-nos das observações que fizemos quando tratámos da origem do estylo ogival, conhece-se que este estylo procedeu directamente, por uma serie de metamorphoses, do estylo romã. Se na classificação dos monumentos da idade média se introduziu um estylo de transição, foi precisamente porque a ogiva tinha sido empregada em concorrência com a curva da volta inteira, e porque igualmente a sua appareição coincide, repetimos outra vez, com varias innovações architectonicas, como o emprego das arestas das aboba-

das e dos arcos botantes, cujo systema se aperfeiçoava cada vez mais, e a nova applicação de ornamentos imitados da flora nacional.

N'este novo periodo a architectura progride rapidamente pelas transformações que se succedem sem interrupção. A arte do xiii seculo não era, como já dissemos, a continuação do desenvolvimento da arte do xii. Devemos notar, porém, que certos paizes adiantaram-se e caminharam mais rapidamente; enquanto outros seguiam apenas o exemplo, acceitando só um pouco mais tarde essas innovações, como aconteceu em Portugal.

Devemos fixar na memoria certas disposições que facilitaram a classificação dos edificios d'esta época, e comparar a differença com o periodo antecedente; comprehendendo estas alterações no xii seculo ser o côro da egreja mais comprido comparativamente á nave. Prolongam-se tambem os lados collateraes á roda do santuario, e as capellas se dispõem em roda do côro como uma irradiação do tabernaculo. Estas disposições que haviam já apparecido no xii seculo, como referimos, são mais frequentes no xiii seculo. Em alguns grandes edificios apparecem mesmo 4 naves lateraes, que rodeam a capella-mór. Esta igualmente se estende muito mais do que as outras lateraes, é geralmente consagrada a Nossa Senhora. Este uso, que principia no xiii seculo, foi depois universalmente seguido no xiv.

O aparelho da construcção não é empregado com grandes dimensões. Todas as fiadas não tem igual altura, mas as pedras de cada fiada são da mesma largura; todavia este aparelho está bem apropriado ás esplendidas construcções d'aquella época.

Considerando agora os differentes elementos da sua ornamentação, acharemos que as molduras são mais salientes e circulares do que as que se executavam antes. Nas folhagens que ornavam as cornijas e os capiteis, todas as reminiscencias gregas e bysantinas são desde então banidas.

Os artistas não se servem mais para as suas composições senão dos modelos tirados da natureza, escolhendo-os na flora indigena. Estas copias são feitas com todo o discernimento, variadas e engraçadas, e tendo o character sempre o mais monumental. As folhas do trevo apparecem sobre as paredes lisas, esculpidas em concavo, bastante profundo, ou são representadas nos toros salientes. Os ornatos de configuração de baculo são collocados sobre os frontões, nas arestas das pyramides, tambem sobre as cornijas e em algumas outras partes do edificio, principalmente na parte externa. A sua forma é sobre o comprido, tendo no extremo um envazamento representando umas vezes um pequeno florão, outras uma folha enrolada de feitio de voluta, ou então fica limitada por imitação de cabeças humanas. Posto que esta forma de ornato tivesse já appa-

recido no fim do xii seculo, elle pertence mais ao periodo do xiii seculo. Os baldaquinos que cobrem as estatuas coroando-as, são compostos de diversos modos; muitas vezes assemelham-se ao feitio de uma cidade, e se denominam *Jerusalem Celeste*. Os coruchéos compõem-se de uma arqueadura, tendo para remate uma agulha pyramidal com os seus ornamentos de forma de baculo (*crochet*): estes coruchéos geralmente ornem os contra-fortes, e servem tambem para consolidar a construcção, como a seu tempo explicaremos.

Examinando o interior dos edificios d'este mesmo periodo, notaremos que os pilares transformam-se cada vez mais para se moldarem ás exigencias da nova construcção. As columnas, cuja altura não é determinada, como acontece nas Ordens da architectura classica, pelo seu diametro, elevam-se conforme requerem as outras partes aonde são applicadas. Ha muitas que se erguem desde o solo até ás abobadas para sustentar as arestas dos artezões; contendo talvez 30 vezes o seu diametro na altura; todavia não têm apparencia delgada, porque estão postas em grupos, enfeixadas, e por este motivo a vista comprehende que, estando envolvidas nos pilares, não são só para sustentar o pezo que se apoia sobre ellas. Ás vezes tambem ha columnas completamente soltas, com uma tal elevação, que só por si não teriam as precisas condições de estabilidade, porque uma columna isolada tendo a mais 12 vezes o seu diametro em altura, não terá as condições sufficientes de estabilidade, mas se n'este caso se conservam solidas é porque o seu capitel supporta esse peso. As columnas *monocylindricas* são muitas vezes collocadas em roda do côro, para que a construcção fique mais desafrontada e a vista possa abranger melhor a perspectiva, e ao mesmo tempo facilitar a circulação. Em todas as outras partes do edificio as columnas formam grupo, composto de um numero maior do que era aquelle que se applicara antes.

N'esta época de perfeição da architectura ogival todos os membros do edificio indicam visivelmente o motivo da sua applicação: sob este ponto de vista, é o capitel um objecto muito interessante para estudo.

Os gregos serviam-se do capitel como d'um ornato necessario interposto entre o peso do entablamento e o fuste da columna. No xiii seculo, era o capitel muito mais indispensavel, para que pudesse receber os artezões da abobada e ligal-os com o fuste da columna, sendo muito menos largo que todos reunidos esses artezões: portanto todas as partes que compõem a architectura ogival do xiii seculo, foram perfeitamente dispostas para satisfazerem a essa importante necessidade. Toda a ornamentação do capitel foi combinada com equal acerto e a mes-

ma previsão. Uma fertil vegetação nasce do pilar e se estende sobre os arcos da abobada para n'elles se apoiarem e sustental-os. Entretanto as transformações se operam com tanta rapidez, que para fazer uma justa ideia do caracter d'esta ornamentação, é preciso fixar-se o periodo em que ella teve lugar, pois foi de limitada duração. Quando os espiraes perolados e o uso da representação de figuras de animaes phantasticos ficaram postos de parte, uma flora de convenção se desenvolveu á sua maneira. Os esculptores, por estarem costumados a trabalhar constantemente nas egrejas, parece terem conservado uma unica lembrança da natureza vegetal; conheciam as verdadeiras regras das suas variadas especies, porém, não tendo esses modelos patentes, e havendo contemplado com mais attenção a folha de trevo, posto que dessem a esta folha 5 ou 7 lobulos, só com esta folhagem compunham disposições as mais variadas.

A vegetação que se desenvolveu espontaneamente sob o cinzel do esculptor do xiii seculo, moldava-se maravilhosamente ás configurações, que tinham a satisfazer: ainda que não imitassem nenhuma planta especial, parece comtudo terem seguido uma marcha natural da vegetação.

No começo da sua applicação, as suas formas são indecizas; as folhas parecem reviradas sobre si, similhando-se a uma florescencia ainda incompleta, como se fosse uma planta que não estivesse completamente desenvolvida. Pouco tempo depois as folhas são maiores e apresentam um contorno angular; o que indica mais firmeza na execução, apparecendo nas suas composições cachos de fructos, como para annunciar que a planta já chegou ao seu sazonalmento e obteve todo o seu vigor. A esculptura conserva então alguma cousa de monumental, e symetrica, na sua vigorosa vegetação, sendo capaz de resistir aos rigores das estações pelo trabalho da sua execução. Os artistas, no meado do xiii seculo, copiaram as folhagens com uma exactidão maravilhosa, que se deve já tomar como o principio da decadencia d'este estylo; as formas geraes começam a ser confusas, as folhagens então já não eram mais um enfeite necessario para a solidez do capitel, vindo a ser uma decoração arbitraria e sem fundamento. O capitel passa ainda por outras transformações mais importantes que as das folhagens. Nos pilares aonde as columnas se multiplicam com os arcos da abobada, vêem-se primeiramente capiteis diferentes e proporcionados aos diametros das columnas, porém depois esses capiteis se transformaram de muitos em um unico.

Estava reservado ao xiii seculo o aperfeiçoamento da base da columna, tanto pela composição das molduras, como pela delicadeza do trabalho. Deve-se notar em primeiro lugar uma regra geralmente

seguida, a de não deixarem superficie alguma horizontal lisa, apresentando sempre transições entre a linha vertical e a linha horizontal: esta regra era sempre observada não sómente para a base da columna, como para todos os pontos de apoio do edificio.

Emquanto á sua composição, a base da architectura ogival do xiii seculo lembra o feitio da base attica; o socco toma forma octogonal, deixando sobrepôr um pouco o lóro inferior; algumas vezes os angulos do socco estão cortados, e as saliencias das molduras apparecem sustentadas por pequenas misulas. Quando as columnas estão enfeixadas, as bases parciaes multiplicam-se por cima do socco principal.

A ogiva tomou, n'este periodo, na abertura das arcadas, maior elevação, que nunca mais teve, pois no xiii seculo o arco é muitas vezes alteado por duas linhas perpendiculares. Os arcos n'esta época são unicamente ornados de molduras, porém bem assignalados.

Quasi geralmente nas egrejas de alguma importancia, se abriam galerias por cima das arcadas das naves lateraes, as quaes se denominavam — *triforium*. — No xiii seculo, o *triforium* é formado por um corredor bastante estreito, unicamente para dar passagem, apresentando sobre o circuito da nave principal, uma correnteza de arcadas, as quaes ficavam collocadas geralmente no numero de 3 em cada vão de abobada.

As janellas do *clerystereo*, sem serem inteiramente estreitas, não obstante são esguias; esta forma aguda faz lembrar um pouco a ponta de ferro de uma lança, o que deu lugar a chamar-se á forma d'essas janellas o nome de *lancetas*, denominação de que alguns archeologos se servem para designar o estylo d'esta época.

Nas grandes cathedraes, as janellas estão divididas por seguintes de pedra mui delgadas, que terminam em forma ogival e em florão. As janellas, com esta decoração, geralmente produzem um effeito magnifico e elegante; pois sobre esses seguintes, põem-se-lhe curvaturas multiplicadas, e piraretes delicados.

São as abobadas a parte mais importante do edificio ogival, como já indicamos; fica-lhe subordinado tudo mais pertencente á construcção dos monumentos do xiii seculo: e para se fazer uma ideia perfeita d'esta condição, é preciso estudar todas as partes de que se compõe o edificio, os pilares, os contra-fortes, os botaréos; examinando toda a estrutura d'uma d'essas magestosas cathedraes, por exemplo, a igreja da Batalha, posto que de era mais recente, ou a Sé de Braga; sómente se poderá então comprehender qual a sciencia e a pericia com que estão executadas essas abobadas tão bem equi-

libradas, firmadas sobre os seus delgados pontos de apoio e com que arrojo foram lançadas a tão considerável altura. Estas abobadas são construídas com peças de pequenas dimensões, já de caso pensado, pois, se tivessem maior volume, teria sido mais difícil collocar-as; além de lhe augmentar muito mais o peso, não offereceriam tanta resistencia.

Os feixos ornados das abobadas n'esta época são muito applicados, e executados com bastante mão d'obra; quando representam personagens, o seu desenho é mais correcto e gracioso que os esculpidos no seculo precedente. No principio do XIII seculo costumam pintar esses feixos das abobadas, mesmo quando o resto do edificio não tem pintura alguma, do que ha exemplo na antiga capella de Nossa Senhora da Oliveira em Santarem e na capella-mór da igreja de S. Thiago em Almada. O primeiro edificio é da era 1222, depois de servir de praça de touros, foi arrazado para se construir uma prisão. E' assim que se dá apreço ás antiguidades nacionaes!!! Este uso foi seguido nos seculos seguintes; e tambem por esta occasião se collocaram braços sobre essas pedras que serviam de feixos ás abobadas; como tambem havia na mesma capella de Nossa Senhora da Oliveira.

O exterior do edificio era a parte do monumento mais enriquecida de esculpturas. Geralmente tem na fachada principal tres portaes, onde ha grande numero de curvaduras collocadas sobrepostas umas ás outras, e descansando sobre pequenas columnas. Entre essas columnas vêem-se estatuas, tendo por cima um tendilhão no qual apparecem representados os apostolos, os patriarchas, os prophetas, etc. Algumas vezes sobre o pilar que separa o portal em duas entradas, collocam a imagem de Jesus Christo com o livro da escriptura aberto e lançando a benção. Sobre o tympano e as arcaduras da fachada estão representados differentes assumptos religiosos.

O oculo da fachada, assim como os do cruzeiro, são muito mais desenvolvidos e compostos de ornatos com fórmas diversas, o que não se havia executado no XII seculo; mui principalmente depois da segunda metade do XIII seculo, em que appareceram os mais elegantes.

Vêem-se ainda ás vezes nas fachadas, postas sobre varias linhas, galerias com muito lavor. Essas galerias quasi sempre têm balaustrada para facilitar a circulação na parte superior do edificio, e muitas vezes servem para ter grandes estatuas, como ha nas cathedraes de Nossa Senhora de Paris e de Amiens.

O contra-forte era o meio mais essencial para dar impulso ao desenvolvimento do systema ogival. Foi a parte da construcção que exigiu mais estudo; e tanto assim, que custou no principio bastantes experiencias infructuosas. Mas tambem, quando este

difficil problema ficou resolvido, puderam os edificios apresentar a maior magestade, bem como a ousada temeridade na excessiva altura d'essas cathedraes.

Ao principio o botareo e o arco de encosto ficavam escondidos na grossura da parede das naves lateraes, como já mencionámos. Porém já nos ultimos annos do seculo XII, os architectos não tiveram duvida em os deixar apparentes. A maior difficuldade consistia em achar um ponto resistente para contramurar. Desde o principio os arcos butantes eram formados por um quarto de circulo, oppondo-se ao esforço pela sua propria resistencia, e tambem pelo seu proprio peso, pois carregavam sobre os pilares internos do edificio. Passado algum tempo o emprego do arco-gigante foi mais bem applicado; tinham-o augmentado para formar uma curva de maior desenvolvimento, e por este modo não offerecia sómente uma força passiva, mas egualmente uma força activa: por quanto recebia uma parte do peso da abobada, e assim alliviava outro tanto os pilares postos na parte interna do edificio. As outras difficuldades foram vencidas com egual exito.

Do aperfeiçoamento do botareo e do arco-gigante resultou ficar todo o edificio construido com mais leveza. O peso das abobadas estando por esta maneira dividido, e lançado principalmente sobre os pilares externos do monumento, puderam sem receio os architectos do XIII seculo abrir janellas bipartidas nas paredes do rinção das abobadas; ficando na parte interna toda a construcção reduzida unicamente a pilares delgados, porém resistentes pelo pezo que sustinham, e firmadas verticalmente por causa do equilibrio estabelecido entre o encontro da abobada e a resistencia dos arcos-gigantes.

A decoraçáo com que ornavam os contra-fortes, não era por simples enfeite, mas sim por fazer parte essencial da construcção, como se observa em todos os outros pontos da edificação; foi resultado da intelligencia e saber do artista para obstar a que o arco gigante cedesse por não achar sufficiente apoio contra a extremidade do pilar do mesmo gigante, que augmentaram o cume d'esse pilar, ficando o peso d'essa nova construcção disfarçado por um campanariozinho, ou por um corucheu enfeitado com todos os ornatos da época.

Seria infundado chamar barbaros a estes architectos do XIII seculo, em que as suas portentosas obras indicam tanto saber e talento; portanto não devemos ser echo da injusta offensa feita ao merecimento de artistas tão habeis e devemos repellir o ultraje feito á sua memoria; pois se o estudo da archeologia se houvesse divulgado ha mais tempo, teria evitado o erroneo conceito d'aquelles que por ignorancia julgaram mal da arte que não entendiam.

(Continúa)

J. P. N. DA SILVA.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Ficará registado no XIX século mais um facto importante na historia contemporanea de Portugal: é o da exposição que em 7 de junho corrente foi inaugurada em Lisboa na Avenida da Liberdade, sob a presidencia de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz, acompanhado pela Familia Real.

Se as principaes nações mais adiantadas na civilisação teem, por mais de uma vez, curado de expôr qual o progresso de sua industria e o augmento de sua riqueza agricola, o que é facilitado pelo grande desenvolvimento intellectual e pelos recursos de nações poderosas, alcançando captar admiração dos estranhos e louvores universaes, é natural e justo que um pequeno Estado, embora lhe faltem essas essenciaes condições, surja esplendido apresentando uma exposição geral de sua industria que possa merecer a apreciação publica em todos os seus ramos de trabalho, e este com apurado esmero e reconhecido progresso dos seus productores. Será sem duvida para causar ufania á Nação um tão util resultado obtido no nosso paiz e merecerá encomios dos outros povos illustrados.

Mas se a patriotica e benemerita Associação Industrial Portuguesa tambem não tivesse tomado a resolução de realisar este nobre certamen, ainda ficaria por muito tempo ignorado em Portugal, e fóra d'elle, o aperfeiçoamento que os seus industriaes teem attingido: portanto, emoras e repetidos emoras sejam dados á illustrada Associação, e egualmente ao seu mui sympathico socio-presidente o sr. Conselheiro João Chrysostomo Melicio, que pela sua perseverante direcção, intelligencia e zelo, conseguiu uma tão importante exposição, a qual deve dar maior impulso ao progresso da industria.

Congratulamo-nos pois com os nossos compatriotas por tão notavel acontecimento de regosijo e credito nacional.

POSSIDONIO DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RECTIFICAÇÃO

PONTES ROMANAS

Por ter sahido incorrecta esta noticia no numero antecedente d'este Boletim, é publicada novamente conforme a redigira o seu illustrado auctor.

A REDACÇÃO.

PONTES ROMANAS EM PORTUGAL

Os romanos deviam construir, e com certeza construíram, no chão hoje denominado *Portugal*, muitas pontes nas suas diferentes e esplendidas estradas militares, ou de 1.ª classe, e nas de 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, pois além das estradas militares, por onde moviam os seus exercitos e nas quaes havia postas muito bem montadas, tiveram como era natural que tivessem outras muitas estradas secundarias para serviço dos povos intermedios, estradas menos luxuosas, algumas das quaes nem eram calçadas de pedra.

Ora sendo o chão de Portugal cortado por tantos rios e ribeiros, forçosamente se haviam de construir, para passagem d'elles, muitas pontes das quaes hoje muito poucas existem, authenticas do *povo-rei*, não tanto porque desabassem com o peso dos seculos, pois as pontes construidas pelos roma-

nos eram quasi todas de cantaria e muito solidas, mas porque foram destruidas pelas guerras d'exterminio que ensanguentaram a peninsula desde aquella data até os nossos dias, já durante a invasão dos *barbaros do norte* e nas luctas entre estes e os romanos, — já nas guerras incessantes d'aquelles barbaros entre si, até que se constituiu a monarchia visigothica, — já no periodo calamitoso da invasão dos mouros e das luctas e guerras que durante seculos se feriram n'este solo entre os mussulmanos e visigodos uns contra os outros, e depois nas sangrentas guerras intestinas dos mussulmanos contra os proprios mussulmanos, e dos godos contra os proprios godos até se constituirem os reinos da Galliza, Leão, Castella, Navarra, Aragão e depois Portugal — e por ultimo nas guerras que se feriram até se fundirem estes reinos da peninsula nos dois que hoje por merec de Deus existem.

Tambem se destruíram em Portugal muitas pontes ainda no 1.º quartel d'este seculo por occasião da guerra peninsular.

Do exposto se vê que das pontes construidas pelos romanos poucas e muito poucas devem hoje existir, embora se digam romanas pela tradição, ou porque o affirmem os antigos geographos, ou por que assim o faça crer o aspecto de ancianidade que apresentam, pois é certo que muitas foram construí-

das pelos godos, outras pelos arabes, outras pelos reis de Leão, Navarra, Aragão, Castella e Galliza, e outras pelos nossos reis desde os principios da nossa monarchia.

A primeira ponte de que ha memoria, construida sobre o Douro, data do tempo de D. Affonso Henriques, e talvez que fosse projectada e principiada muito antes, pois o documento mais antigo que prende com a dita ponte é o testamento d'aquelle rei, no qual se encontra um legado em favor d'ella. Não se sabe ao certo se chegou a ultimar-se, mas no seculo XVI estava ainda imponente, como o diz o conego tercenario de Lamego, Ruy Fernandes, na sua «Descripção do terreno em volta d'aquella cidade duas leguas», e d'ella se veem ainda hoje claros vestigios — grossos fundamentos d'alguns pegões — no ponto do Piar, no leito do Douro, entre a freguezia de Barrô, concelho de Rezende, e a freguezia de Barqueiros, concelho de Mesão-Frio. Houve tambem outra ponte sobre o rio Teixeira, junto de Mesão-Frio, a menos de 1 kilometro de distancia para oeste, ponte da qual hoje apenas resta a memoria e que existiu sobre o mencionado rio no ponto ainda hoje denominado *Ponte Henriques*, como eu disse no *Portugal antigo e moderno*, artigo *Villa Jusã*, em cuja circumscripção esteve.

Tambem a rainha D. Mafalda, esposa d'aquelle rei, mandou construir a actual ponte de *Canavezes* sobre o Tamega, ponte que originariamente foi romana.

São estas as 3 pontes mais antigas de que tenho conhecimento, construidas pelos nossos reis.

Das nossas pontes actuaes apenas me consta que foram construidas pelos romanos as seguintes:

1.^a — Ponte de Chaves. Tem alguns arcos soterrados na margem direita do Tamega e depois do meado d'este seculo foi alargado o taboleiro superior, mas todos os seus arcos parecem os primitivos.

O Tamega hoje não tem outros vestigios de ponte romana, pois a de Cavez, em Celorico de Basto, segundo se suppõe, foi mandada construir por frei Lourenço Mendes no seculo XIII.

A ponte actual de *Amarante*, que é de bom granito e uma das mais solidas e mais luxuosas do nosso paiz, foi mandada fazer por D. Maria I em 1790 em substituição da que fez S. Gonçalo pelos annos de 1260, segundo se suppõe, e no mesmo sitio onde estava a outra ponte mandada fazer pelo imperador Trajano, era de 106 annos antes de Jesus Christo.

Ponte de *Alvarenga* sobre o rio Paiva, a leste da villa d'Arouca.

No artigo Alvarenga o meu antecessor, guiando-se pelo que se lê n'outros auctores, disse que a men-

cionada ponte foi mandada fazer tambem pelo imperador Trajano, era de 110 annos antes de Jesus Christo; — que era obra do mesmo mestre que fez a ponte hespanhola d'Alcantara — e que estava ainda tão bem conservada como se fosse feita ha 10 ou 12 annos!

A pequena distancia da dita ponte existia effectivamente outra muito antiga.

A ponte actual é dos fins do ultimo seculo. Foi principiada a sua construcção pelo bispo de Lamego, D. Manuel de Vasconcellos Pereira, mas fallecendo em 1786 quando a ponte se achava ainda por concluir, foi concluida por ordem da rainha D. Maria I (Alvará de 13 de fevereiro de 1791) por meio de derrama lançada sobre as comarcas convisinhas — Lamego (provedoria) e Feira (ouvidoria).

Tenho sobre a minha meza de estudo os proprios autos da arrematação das obras da conclusão que montou a 3:300\$000 réis, dos quaes a provedoria de Lamego pagou 2:300\$000 réis e a ouvidoria da Feira 1:000\$000 réis.

Nos mesmos autos se vê ainda a planta que serviu de base de arrematação, indicando a côres differentes a parte que já estava feita e a que devia fazer-se.

Prosigamos:

2.^a — Ponte de *Perozello* na extincta freguezia d'este nome, sobre o Cavado¹.

É considerada romana; tem 12 arcos, e fazia parte da estrada da Geira.

3.^a — Ponte de *Caldellas*, na freguezia d'este nome, concelho de Amares, comarca de Villa Verde, sobre o rio Homem, affluente do Cavado.

Tem 3 arcos e é tambem considerada romana. O arco maior tem de abertura 13^m,14 e de altura 13^m,8; comprimento do taboleiro 34^m,8; largura 2^m,63.

4.^a — Ponte da *Misarella* sobre o rio d'este nome ou Regavão, confluyente do Cavado, concelho de Montalegre.

É antiquissima e considerada romana tambem, mas foi em parte reconstruida nos principios d'este seculo.

Está firme sobre 2 grandes rochedos e tem um só arco, mas imponente, com 13^m de abertura e grande altura.

5.^a — Ponte de *Mirandella* na villa d'este nome em Traz-os Montes, lançada sobre o Tua.

É uma das primeiras pontes de Portugal no seu genero; tem 19 grandes arcos hoje, formando um taboleiro de mais de 100^m de comprimento em recta, — e foi romana, mas tem soffrido em differentes datas differentes reconstrucções parciaes, datando

¹ V. Cavado no Port. Ant. e Mod.

do século XVI uma das reconstrucções mais importantes.

Tem arcos de diversos estylos correspondentes ás diversas reconstrucções.

Os mais achatados e de maior abertura estão na margem esquerda; são os mais antigos e um d'elles ameaça ruína e demanda reconstrucção em praso breve.

Não sei se algum dos ditos arcos será ainda romano.

Talvez sejam tambem romanos alguns arcos que tem soterrados na margem direita do Tua.

6.^a — Ponte de *Sôr* no Alemtejo.

Alguem diz que esta ponte é ainda a ponte romana que estava na antiga estrada militar de Lisboa para Merida, lançada sobre o rio *Sôr*.

7.^a — Ponte Cavallar sobre o rio Sermanha confluyente do Douro, a leste e no concelho de Mesão-Frio, entre as povoações e freguezias de Cidadelhe, antiga cidade romana, e Oliveira.

É ponte antiquissima; alguem diz ser tambem romana — e é certo que nas suas convisinhanças tiveram demorada residencia os romanos como provam as muitas moedas, tijolos e outras velharias romanas que por ali se teem encontrado. Ainda este anno d'ali me enviaram um tijolo romano de enorme espessura e grande pezo. Póde vêr-se no nosso Museu Commercial e Industrial do Porto.

A dita ponte estava na estrada romana do Perto para Panoias e Lamego por Mesão-Frio e Cidadelhe.

8.^a — Ponte de *Segura*, na Beira Baixa, sobre o rio Elga, confluyente do Tejo.

É internacional, considerada tambem romana, e está ainda muito solida.

9.^a — Ponte da *Pedra* sobre o rio Leça, na estrada real do Porto para Braga.

É muito antiga e tambem considerada romana; está em ruínas e abandonada, e foi substituída por outra, quando se fez a nova estrada a macadam no meado d'este século.

Já que estamos fallando de pontes fallemos tambem do material de construcção d'algumas.

Cá pelo Norte as nossas pontes antigas eram quasi todas de granito, mas conheço duas de schisto, talvez dignas de especial menção.

Encontra-se uma d'ellas sobre o rio Temi-Lupus, na Foz-de-Mil-Lobos, cerca de 4 kilometros a montante da Regoa, na freguezia e concelho de Armamar e na estrada marginal do Douro (margem esquerda).

Foi feita pela extincta companhia dos vinhos nos fins do ultimo século e é toda de formosa *cantaria de schisto*, inclusivamente o arco de bastante altura. Quando o nosso governo depois de 1835 mandou fazer a estrada marginal da *Regoa* até á *Pesqueira*,

os engenheiros acharam tão solida e tão bem acabada a dita ponte que a conservaram intacta. Apenas a altearam alguns metros sem tocarem no antigo arco. É uma das nossas pontes mais solidas e talvez a *única de cantaria de schisto*.

A outra está no concelho, freguezia e termo de Villa-Nova-de-Foscôa, no sitio e ribeiro do Valle, na antiga e horrorosa estrada que da barca do Pocinho (hoje estação d'este nome) conduzia para Foscôa, Marialva, etc. e é formada unicamente por dois enormes pranchões de schisto medindo cada um 1,^m20 de largura e 8^m de comprimento!

Foram cortados em uma pedreira talvez tambem *única* no seu genero em todo o nosso paiz.

E' uma rocha massiça de schisto duro como aço e da qual os montantes podem cortar pedra com as dimensões e espessura que bem lhes aprouver! Assim tiraram d'ali aquellas duas colossaes pedras e podiam dar-lhes maiores dimensões ainda, se fôra possivel movel-as por caminhos tão desgraçados como eram os de Foscôa *in illo tempore*! Tambem forraram litteralmente com grandes pranchões da mesma pedra a cadeia actual da villa, o pavimento, as paredes e o tecto!

Ficou á prova de fogo e segurissima, porque as pedras não teem juntas. São todas grandes monolithos que tomam todo o vão das paredes e do tecto da cadeia, sendo impossivel aos presos deslocarem-n'as.

Não ha em Portugal outra cadeia tão segura!...

Occupa o *rez-de-chaussée* dos novos paços do concelho onde funciona tambem o tribunal judicial etc. e da mesma pedreira podem cortar pequenas e delgadas pedras, como se veem na mesma villa de Foscôa, formando *sobrados* e balaustradas de varandas.

Ha tambem no Alto Douro na região do *Port-Wine*, outras muitas pedreiras de bello schisto, de onde se extrahem grandes pedras. Assim se vê em muitos lagares tamos enormes de 6 a 7 metros de comprimento, 1 de largura e 0^m,2 de espessura — nomeadamente na quinta do Ferrão (junto da estação actual do mesmo nome) pertencente á nobre familia Pessanhas.

As ditas pedras foram cortadas cerca de 4 kilometros a montante na povoação de Donello, aldeia da freguezia de *Covas do Douro*, concelho de Sabrosa, districto de Villa Real de Traz-os-Montes.

São os maiores tamos de schisto que ha em todas as quintas do Alto Douro.

Nós tambem ali temos uma quinta, a quinta do *Campô Velho*, na outra margem (esquerda) do Douro e no valle e margem (direita) do Tedo, onde em uns lagares mandados fazer por meu pae se vêem tamos de schisto com 27 palmos de comprimento! Foram cortados a menos de 200 metros talvez de distancia da casa da mesma quinta.

Uma ponte também notável e única em Portugal é a ponte de Aivados, ponte natural, formada pelo rio Arcão, que nasce do grande olho d'água, chamado *Borboleção*, a 5 kilometros da villa de Grândola para N.

A dita ponte é de um só arco, especie de gruta lindissima e aberta pela natureza em um grande penedo calcareo.

Aproveitando o ensejo, falleremos particularmente dos rios e pontes do districto de Vianna do Castello. As tres arterias fluviaes que cortam este districto são o Minho, Lima e Neiva; a estes affluem: ao Minho o Mouro e o Coura; sobre o Oceano o Ancora e o Cabanez; ao Lima o Portuzello e o Vez.

O Neiva lança-se directamente no Oceano.

Eis em resumo o plano hydrographico para intelligencia das pontes sobre estes rios.

Sobre o rio Minho apenas ha a ponte do caminho de ferro, em Valença, concluida em 1884, e sobre os seus quatro pegões assentam dois taboleiros metallicos sahidos das officinas belgas de Braine le Conte: foi aberta em 1885 e tem 300 metros de comprimento.

A ponte do rio Mouro (na estrada de Monsão a Melgaço) ¹ foi construida em 1879; é de pedra.

Sobre o rio Coura, ha duas pontes: a de Caminha, de madeira, construida em 1838, com 432^m; e a de Villar de Mouros, de 3 arcos ogivaes, que recorda a parte moderna da ponte de Ponte de Lima. É portanto do meado do seculo xiv.

No rio Ancora ha 4 pontes: duas modernas; a da E. R. de Vianna a Caminha e a do caminho de ferro; as antigas são a de Abbadim, que reputo ser Manuelina ², e a de Tourim, *primitivamente romana*, ou pelo menos construida com materiaes que eram da edificação d'aquelle povo.

A de Affife (sobre o rio Cabanez) é moderna e uma das mais bellas, cuja estampa vem no *Archivo Pittoresco* e *Minho Pittoresco*.

Sobre o rio Lima ha duas pontes de pedra: a de Ponte de Lima e a da Ponte da Barca, e a de ferro em Vianna, no caminho de ferro.

Esta foi construida em 1876 pela casa Eiffel de Paris, medindo 563 metros de comprimento, e tem também dois taboleiros assentes em 9 pegões. O taboleiro inferior serve para a via ferrea, ao contrario da ponte internacional de Valença.

N'um affluente do Lima, o rio Portuzello, se erguem duas pontes na freguezia de Meadella: uma na E. R. de Vianna a Ponte de Lima; é moderna; a segunda antiga e de 3 arcos, talvez do tempo dos Filippes.

A ponte de Ponte de Lima (a mais notável do districto) é uma extensa ponte de cantaria de granito, parte em arcos ogivaes, e parte de arcos semicirculares. Esta ultima parte é considerada *romana* e consta de 7 arcos fóra hoje do leito do rio Lima, já na freguezia de Santa Marinha de Arcozello. A parte ogival data do reinado de D. Pedro I, como se lê na lapide que tem.

Nos *Estrangeiros no Lima*, vol. 2.º e no *Minho Pittoresco* se vê a estampa d'esta ponte, e no 1.º livro se lê uma extensa memoria d'ella. Tem 400 metros de comprimento.

Nas suas proximidades ainda existem marcos miliarios e passava aqui uma estrada romana de Braga para Astorga.

A outra ponte de pedra sobre o Lima é a de Ponte da Barca, mandada fazer por D. Manuel e D. João III, e reformada totalmente no seculo passado, como consta da lapide que existe no meio d'ella. Tem 200^m e 5 arcos, e hoje está muito arruinada.

No rio Neiva existia uma ponte considerada *romana*, que a cheia de 1876 demoliu, sendo construida outra então, que está na E. M. de Vianna a Espozende e tem 15^m.

No rio Vez (affluente do Lima) ha uma ponte de pedra na villa dos Arcos de Val-de-Vez. A antiga (talvez *romana*) foi demolida em 1876, para se fazer a actual que tem 4 arcos.

Sobre os regatos ha pontões sem importancia architectonica e todos modernos.

Ao sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me com relação ao seu districto.

O socio

ABBADE PEDRO AUGUSTO FERREIRA.

MEMORIA DE ARCHEOLOGIA

O Dr. Elmer R. Reynolds, nosso digno socio laureado, que generosamente offereceu 1250 objectos de instrumentos prehistoricos descobertos nas proximidades do rio Choptank em Maryland, enviou ultimamente a esta Real Associação uma memoria d'esse importante achado, a qual se publica n'este numero para conhecimento historico d'esta localidade, e das circumstancias archeologicas em que foram colhidos esses bellos specimens prehistoricos. Serão sem duvida mui apreciadas pelos nossos consocios estas scientificas informações e mais nos confessamos gratos pela generosa e importante offerta que recebemos de tão illustrado collega da região do norte da America.

¹ E. R. n.º 23.
ou dos Filippes, como tenho por mais provavel.

«O primeiro estabelecimento colonial permanente em Maryland foi fundado em 1633 na extremidade sul do estado, junto ao ponto onde o rio Potomac desemboca na bahia Chesapeake. Em vista do mappa junto notar-se-ha que esta bahia se estende para norte e sul quasi parallelamente ao oceano Atlantico. E observar-se-ha tambem que este grande mar interior divide a Maryland em duas partes desiguaes a que os indigenas dão os nomes de costas Oriental e Occidental. A primeira d'estas divisões abrange nove regiões e é muito mais pequena que a outra. O oceano Atlantico fórma o limite Occidental.

A segunda divisão comprehende treze regiões e estende-se para oeste até ás montanhas Apalaquias. Em virtude de uma carta patente especial, do rei de Bretanha, foi concedido a lord Baltimore levar para o novo paiz chamado *Terra-Mariae* os catholicos adherentes que quizessem arrostar com as privações de uma região agreste e desconhecida de preferencia a permanecer na Inglaterra onde os seus privilegios religiosos eram circumscriptos por obnoxias leis parlamentares.

Afastando-se dos usos dominantes, em virtude dos quaes as auctoridades transatlanticas apoßaram-se arbitrariamente dos novos dominios no continente americano, este fidalgo, por um rasgo de diplomacia tão raro como justo, fez calar para sempre todos os motivos de hostilidade dos Indios, comprando ás tribus indigenas a propria terra que o seu Rei lhe tinha conferido para sempre como prova do seu real agrado.

A venda do Maryland por seus possuidores aborigenes, embora em rigor fosse um acto voluntario, deve todavia attribuir-se ao medo que os Indios tinham ás hostilidades hereditarias dos Susquehannocks, tribu feroz e poderosa que habitava a região do rio Susquehannak na extremidade norte da bahia de Chesapeake.

Trinta e cinco annos depois a nascente colonia tinha augmentado por tal fórma em força numerica que foi destacada uma pequena parte de seus cidadãos para a costa Oriental com instrucções para formar um estabelecimento nas margens do rio Grande Choptank, as quaes eram ainda povoadas por muitas aldeias de Indios Choptank e Nanticoke.

Póde dizer-se portanto que a nossa historia d'estes Indios começa em 1668; todavia os annos coloniales d'essa época conservaram tão pouco do que lhes diz respeito e esses mesmos escassos elementos estão tão intimamente ligados com os decretos legislativos da colonia que, tentando reconstruir uma historia logica da vida d'elles, o estudante de ethnologia vê-se desde logo na embaraçosa posição de formular uma hypothese pouco solida, baseada principalmente em analogias, ou de se remetter ao

silencio, admittindo tacitamente — Que a historia é muda sobre este ponto.

Se os factos reaes ao meu alcance me forçam quasi a acreditar esta alternativa, por outro lado o sentimento do dever obriga-me a apresentar um bosquejo historico d'estes selvagens a respeito dos quaes, devo dizel-o, não possuo maiores conhecimentos do que os distinctos membros da Sociedade Real, a quem são destinadas estas breves notas, e por isso apresentarei um resumo das informações historicas e outras que os meus ocios profissionaes me permittiram obter.

O condado de Dorchester que tem por capital Cambridge, foi organizado em 1669.

Está situado ao sul do rio Choptank, a algumas milhas de distancia da junção d'esse com a bahia Chesapeake. N'este mesmo anno (1669) foi publicado em St. Mary, capital da provincia, um decreto para a continuação da paz e protecção aos nossos vizinhos e confederados, os Indios do rio Choptank.

Este decreto estabelece ainda que, em virtude da fidelidade dos Indios Choptank com que entregaram alguns assassinos etc., a provincia dispõe a favor d'elles e de seus herdeiros para sempre, de todo o terreno ao sul do rio Choptank (Agua azul) limitado a oeste pela propriedade livre, agora pertencente a William Dorrington, e a leste pela Angra do Secretario Sewell ¹ que seria obtida de sua Ex.^a a troco da renda annual de 6 pelles de castor. Esta provisão para beneficio dos Indios tutelados foi confirmada e fortalecida por decretos subsequentes dos poderes legislativos da provincia e do estado durante um periodo de mais de 200 annos.

A cidade de Cambridge foi fundada em 1684 no ponto então conhecido pelo nome de Survey de Daniel Jones, na margem de um affluente, largo e fundo, do rio Choptank.

Mais tarde, ainda no mesmo anno a assembléa geral augmentou os recursos municipaes da cidade convertendo-a em um dos *principaes portos de entrada da divisão* oriental do estado.

Um anno depois (em 1683) os limites da cidade eram alargados pela compra d'uma porção de terreno adjacente, que o seu proprietario John Urik tinha obtido de *Absco*, chefe da tribu Choptank ².

Antes de 1684 tinha existido uma aldeia India no sitio do Cambridge e pela sua favoravel posição e pelos enormes ossarios proximos parece provavel que tenha sido séde da principal tribu. Referencias ulteriores dos annos coloniales e algumas informações tradicionaes que o tempo conservou, revelam

¹ Hoje chamada Angra do Secretario.

² A primitiva compra de Maryland aos proprietarios indigenas permittiu-lhes ficar sob tutela e conferiu-lhes o uso e direito de dispôr de certos tractos de terreno, valiosas pescarias, etc.

que os Indios Choptank e Nanticok¹ eram numerosos e poderosos, embora vivendo sob o dominio colonial. As suas principaes occupaões eram a caça, a pesca e a pratica de uma especie de agricultura rude e desordenada que parece não ter sido melhorada pelo contacto com os Europeus.

Depois de ter sido um povo necessariamente semi-guerreiro, alcançaram por fim um periodo de paz domestica sob a protecção de provincia.

Uma prova das disposições desusadamente pacificas d'estas tribus deduz-se do facto de nunca tomarem desforço por meio das armas contra os colonos que repetida e systematicamente lhe usurpavam direitos sub-territoriaes que a assembléa provincial tinha julgado necessario conceder-lhes.

Que o governo da colonia desejou sustentar as mais variadas convenções com os Indios é facto de que não pôde duvidar-se; todavia como a imposição das leis foi confiada a officiaes que não eram superiores a tentações especulativas, estabeleceu-se um libello judicial que constituiu um gravissimo precedente para todos os negocios ulteriores com os pupillos nacionaes.

O maior agravo adduzido por estes Indios baseava-se na matança illegal da caça, que tão essencial era á sua alimentação, nos dominios que solememente tinham sido reservados para seu uso e onde a nenhum caçador colono era permittido entrar. Assim, apesar dos protestos suaves, mas repetidos, dos Indios, continuou a destruição da sua caça de toda a especie até que se perdeu a amizade d'estas duas tribus ou pelo menos a dos Nanticoks — todavia sob o ponto de vista de organização politica continuavam a ser leaes aos que não o eram para com elles apesar de terem força bastante para obterem uma desforra sanguinolenta.

Em 1704, no reinado da rainha Anna, tentou-se uma reparação tardia d'estes agravos por meio de um decreto do poder legislativo do estado que ordenava a revisão e restauração de uma grande porção de terreno no condado de Dorchester; dizendo que tinha sido illegalmente alterado o titulo que garantia aos indios a sua posse.

O preambulo d'este decreto de restituição que confirma plenamente o fundamento dos agravos contra os quaes as tribus tinham ha tanto tempo e inefficazmente luctado, é do teor seguinte:

«Sendo sobremaneira justo que os Indios, antigos habitantes da provincia, tenham no seu paiz natal uma região conveniente para sua habitação, livre das *usurpações e oppressões dos Inglezes* e muito especialmente os indios Nanticok do condado de Dorchester que ha muitos annos teem vivido em paz

e concordia com os Inglezes, e a todos os respeitos obedientes ao governo etc. etc.»

Em seguida a este exordio do certificado de boa ou má fé das altas partes contractantes, o decreto trata de pôr de parte todo o territorio contido no condado de Durchester a começar da abertura da angra de Chicchawan¹ e seguindo a mesma até ao ponto em que ella se junta ao rio Nauticok a sul.»

Este territorio foi concedido para uso commum das duas tribus e foi-lhes transmittido por intervenção de seus respectivos chefes — *Panghquash e Annotoughquank*.

Em troca d'esta concessão as tribus supra citadas eram obrigadas a pagar ao estado o tributo annual de uma pelle de castor.

Ora o tributo annual de uma pelle de castor que duas tribus de Indios tinham de pagar conjunctamente pôde parecer meramente nominal aos que desconhecem estes assumptos; mas eu que tive occasião de visitar pessoalmente aquella região, sinto ter de confessar que esta renda parece ter sido generosa por isso que aquella doação comprehende nos seus limites os pantanos baixos tributarios dos rios Nanticok, Transquaking, Blackwater e Chickacomies.

N'uma palavra, esta região é o grande Paúl de Angra Negra ou como é designada na localidade «A Costa dos Mosquitos» habitada por numerosos milhões de salteadores alados, contra cujos assaltos sanguinarios ainda se não descobriu meio seguro de defeza.

É digno de notar-se que este «galante» presente de territorio não foi feito por dez ou vinte ou mesmo cincoenta annos, mas por excesso de franqueza os *jovões* legisladores da provincia da Rainha Anna generosamente decretaram que os *gentis* selvagens e irmãos o herdariam para sempre!

N'estas circumstancias é-me permittido accrescentar que para sempre é — muito tempo.

Estimulado como estou por ardentes desejos de levantar o véo que encobre a verdadeira significação d'estas antigas transacções, devo confessar que nunca pude reconhecer se este decreto de doação foi determinado por motivos sinistros; todavia julgo-me auctorizado a suppôr que o «Problema Indio» não era menos intrincado n'aquellas remotas éras do que é hoje e que em summa os legisladores de Maryland revelaram a mais perspicaz previdencia no seu modo *machiavelico* de tratar este assumpto. Provavelmente estes «Solons» provinciaes entenderam que as doenças dominantes dos indigenas deviam ser tratadas com o remedio mais barato, mais forte que tinham á mão; e por isso esta receita do «dr. Sangrado» era nada mais nem menos do que uma

¹ A tribu Nanticok tinha antigamente residido nas margens do rio Nauticok, e mais tarde ao longo da bahia. Depois da cessão das suas terras retiraram-se para o rio Choptank e juntaram-se aos seus alliados que usavam a mesma lingua.

¹ Hoje chamada Angra Chicone.

caiadura official *ante-mortem* dos tumulos de seus fieis alliados.

Na verdade foi esta a lei mais triste, mais astuta e mais comica que jámais emanou de uma legislatura christã.

O resultado todavia foi completamente inesperado, e não suppomos que tinha sido previsto por aquelles joviaes Machiavellos.

Os sagazes Indios rejeitaram o «*medicamento*» em que viam o seu «*epicedio*»; recusaram-se com indignação a ser pasto das hordas aladas do pantano de Blackwater e a sua antiga amizade e lealdade em breve se transformaram em «fel e absintho».

Romperam portanto a sua alliança com o estado, e debandaram, dirigindo-se parte da tribu Nanticok para a Pensylvania onde se juntou aos seus velhos amigos os Susquehannoks e outra para New-York, onde foi recebida na afamada «Seis Nações». O resto afastou-se até ao Canadá e ahi se perdeu para sempre n'aquellas vastas florestas de tristes, sombrios e rumorosos pinheiros.

Assim desapareceu da historia humana um povo primitivo que foi fiel aos seus contractos com a nobre raça branca apesar das muitas provocações que soffriam e que em outras regiões tinham frequentemente dado logar a massacres e a uma longa série de sangrentas represalias.

Vergonha é confessal-o, mas é um facto exuberantemente reconhecido pela historia que os nossos successivos tratados com as tribus que nos eram sujeitas foram dirigidos por uma politica igualmente vil e a maior parte das nossas guerras com os Indios resultaram da nossa infidelidade com os «*Pelles Vermelhas*».

Que admira pois que elles procurassem desforrar-se se a represalia constitue a verdadeira base do seu systema politico! Demais maravilha seria que elles deixassem de responder a ferro e fogo.

Emquanto aos Indios Choptank, o seguimento mostrará que eram menos orgulhosos que os Nanticoks, que espontaneamente se haviam exilado.

Aquelles permaneceram no territorio reservado da Angra de Sewell, até 1798. N'essa data a sua força numerica achava-se tão diminuida e as suas terras tão depreciadas pela desapparição da caça que a legislatura do estado nomeou uma commissão para inspecionar a maior parte do seu dominio e expol-a á venda em hasta publica. O registro d'este processo, que ainda se conserva no palacio da Legislatura em Cambridge, mostra que esta commissão foi composta de Henry Waggaman, do juiz William B. Martin, James Steel, Moses le Compte e William Marbury.

Em consequencia dos trabalhos d'esta commissão, quasi todo o territorio Indio situado nas margens do rio Choptank passou para a posse do governo e o

producto da venda foi posto de lado como fundo especial de que se pagavam prestações annuaes aos membros sobreviventes da tribu.

Muito a meu pezar pude apenas colligir alguns, poucos, factos relativos á historia subsequente d'este povo. Entretanto consegui verificar que em 1833 existia ainda uma pequena colonia de Indios Choptank em East New-market, poucas milhas acima de Cambridge no ponto hoje conhecido pelo nome de Angra dos Indios.

A sua principal occupação consistia na pesca e em trabalhos de verga.

Alguns dos mais antigos habitantes de Cambridge ainda se lembram d'elles e particularmente de um Indio que era conhecido pelo nome caracteristico de «Harry Sixpence».

Este Indio vinha periodicamente a Cambridge para trocar os seus cestos pintados por «fazenda de branco». Estes cestos eram feitos de tiras delgadas de carvalho habilmente tecidas e pintadas de vistosas côres.

Apezar de cuidadosas investigações em East New-market não consegui saber se ainda vivia por aquelles sitios algum Indio de pura raça. Entretanto podem ainda distinguir-se muitos dos seus descendentes, já de sangue mixto, por isso que se teem cruzado com a população escrava.

Durante as minhas pesquisas archeologicas por entre os campos no condado de Talbot na margem norte do rio Choptank, fui informado pelos doutores Chaplain e Hardcastle a Trappe¹ que havia quatro ou cinco annos tinha apparecido n'aquelles sitios um Indio desconhecido.

Não sabia fallar inglez, mas a sua cara de fome era mais elequente do que o inglez, hebraico, ou sanscrito.

Depois de lhe darem de comer visitou o rio na extensão de 3 milhas. Em seguida voltou e desapareceu para o lado do norte.

Suppõe-se que era um descendente de alguma das tribus dispersas que tinha vindo de algum ponto affastado para visitar os tumulos de seus ante-passados.

Um clerigo protestante, o reverendo padre Hutchin de Greensborough, condado de Kent, Maryland, informou-me durante a minha exploração no condado de Talbot que na sua viagem para aquella terra tinha encontrado muitos indios Choptank que lhe declararam que viviam proximo de Smyrna, Delaware.

A pelle d'elles era completamente escura, o cabelo preto e corredio, as fôrmas direitas, estatura mediana e a apparencia geral muito agradável.

Soube tambem por este cavalheiro que em abril

¹ Séde antiga de uma missão Trappista.

de 1877 um indio Choptank tinha pregado a uma congregação de methodistas negros em Vienna, condado de Dorchester.

(Continúa).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 85

Foi no xiv seculo que se tornou geral o costume de destinar para sepulchros de pessoas illustres os sarcophagos em que se figuram as personagens deitadas sobre o marmore que cobre os seus despojos mortaes. Ha em algumas egrejas de Portugal muitos tumulos d'este genero, porém quasi todos mutilados pela incuria de quem tinha por dever, tanto religioso como civil, velar pela conservação d'estes monumentos de tanta veneração pela memoria dos finados, como pelo merecimento artistico de suas esculturas.

Felizmente temos dois d'estes sarcophagos que estão ainda intactos em Santarem: um na igreja da Graça pertencente á illustre familia de Pedro Alvares Cabral, vendo-se as effigies do varão e de sua esposa representadas sobre um grandioso sarcophago de pedra que tem subido apreço archeologico, pois é o unico que existe sem signal de vandalismo; outro de estylo differente, mas bello pela escultura do retabulo rendilhado que contém o tumulo, pertencente ao marquez de Vianna; isto é, encerra este mausoleo um unico dente do fallecido titular, porque, tendo sido ferido mortalmente na batalha de Alcacer-Kivir por haver acompanhado el-rei D. Sebastião á Africa em 1578, não se conseguiu encontrar depois o seu cadaver, mas possuindo sua illustre avó o primeiro dente que elle teve, mandou-lhe fazer o primoroso moimento que, devido a estar depositado em um mesquinho recinto *fechado* no claustro da extincta igreja do Convento de S. Francisco em Santarem, se conserva sem nenhuma profanação artistica nem religiosa, e é digno de ser visto e admirado pelos entendidos em bellas artes.

A estampa do presente Boletim representa um outro sarcophago que pertence á Sé da cidade do Porto e que, não obstante não ter merecimento artistico tão superior como os outros dois já citados, todavia, pela singular representação do assumpto em alto relevo, é sobre maneira muito curioso para que seja conhecido. Esteve por muitos annos occulto n'um recanto de uma pequena capella abobodada e situada na parte externa da fachada lateral da igreja, na travessa que conduz para a entrada do palacio episcopal, ficando quasi mixto com o portão da entrada d'este edificio; ignorava-se que ali houvesse essa obra de escultura.

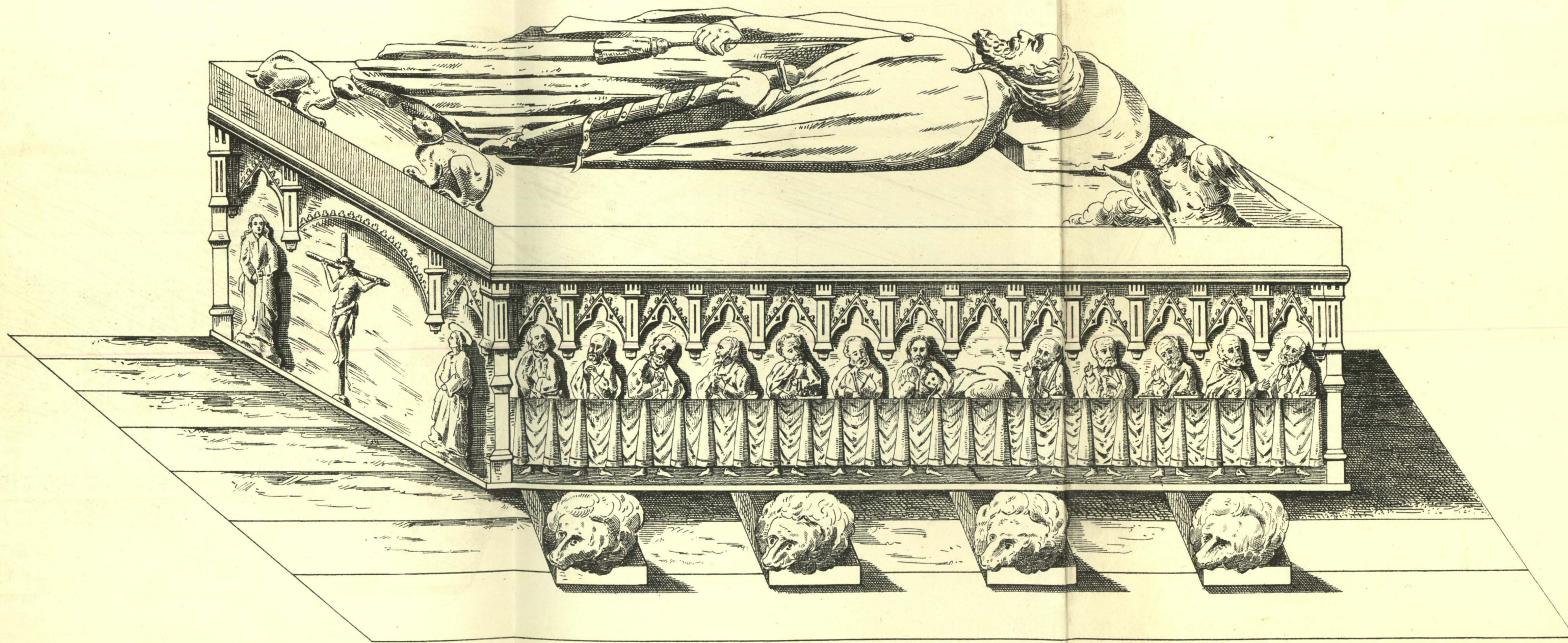
Sobre este sarcophago, que não tem epitaphio,

está deitado um guerreiro vestido com armas brancas. Na face principal vê-se representada em escultura a ceia de Jesus Christo com os Apostolos: posto que não seja de aprimorada execução, ha todavia a notar-se a singular posição de Judas: collocado á esquerda de Christo, lhe passou o braço á roda do pescoço que, obrigando-o a inclinar a cabeça sobre a meza, com o aperto do collo, teve Judas que deitar fóra da bocca toda a lingua, como se fosse para patentear o seu sacrilego delicto de haver denunciado o Divino Mestre aos seus algozes.

Este sarcophago raro pela sua curiosa escultura, é ainda hoje pouco conhecido dos habitantes da invicta cidade do Porto. Por minha causa, está agora exposto convenientemente porque, quando no anno de 1852 levantei a planta d'esta cathedral, o descobri então escondido n'um canto da capellinha referida e estando todo coberto por aparas e ferramenta de um carpinteiro que estabelecera ali a sua officina. Como estava sempre fechada a meia porta d'esta casa, ficava menos visivel da rua o tumulo.

Tendo apreciado esta escultura pela sua composição, procurei no mesmo dia o Rev.^{mo} Bispo, na idéa de que a podesse obter para o museu do Carmo, o que S. Ex.^a julgou conveniente; mas disse-me que, pertencendo ella ao cabido, era a esse que eu devia dirigir-me; prometteu comtudo auxiliar o meu proposito. O cabido informou ao prelado, que o tumulo era pertença da Sé e por conseguinte não devia sair do edificio. O Rev.^{mo} Bispo participou esta deliberação; e eu respondi a S. Ex.^a louvando a resolução que o illustrado cabido havia tomado; mas *instava* para que se asseiasse o recinto, tirando-se-lhe as aparas e as teias de aranha e se limpasse a cantaria da abobada, pois estava chamuscada pelo lume quando o operario dentro d'ella derretia o grude: propuz lhe mesmo, que seria melhor remover o sarcophago para o claustro da Sé afim de ser visto pelos visitantes nacionaes e estrangeiros. Em parte satisfizeram ao meu pedido, retiraram o carpinteiro, limparam a casa, fazendo desaparecer o chamuscado das paredes e mandaram assentar uma cancella de ferro que veda a entrada para esta capella sepulchral. Não obstante esta necessaria reforma, é pouco procurado aquelle exquisito monumento, que pertence a um antigo Bailio, o qual havia adquirido a capella para seu jazigo, sendo ainda da primitiva construção da mesma cathedral: por tanto, por todas estas circumstancias, vem a ser este singular sarcophago uma das mais notaveis antiguidades da provincia do Douro e mesmo de Portugal.

POSSIDONIO DA SILVA.



Sarcophago antigo da Sé da Cidade do Porto.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CRISTA

(Continuação do n.º 10)

Período Roman

A começar no VIII século, as pinturas a fresco das igrejas bysantinas foram muitas vezes substituídas por mosaicos e por embutidos em estuque; acabaram por ser completamente substituídas.

A influencia bysantina fez-se sentir primeiramente no começo do IX século e mais tarde, no fim do X. Foram construídas muitas igrejas sob a influencia bysantina dos monumentos typos.

No reinado de Justiniano (527-565) o estylo bysantino ficou definitivamente constituido com os caracteres acima definidos. Santa Sophia em Constantinopla constitue o seu typo por excellencia.

Leão, o Isauriano, prohibiu, em 726, a reprodução de qualquer figura, quer pela esculptura, quer pela pintura nas paredes das igrejas, quer nos objectos de culto. Esta prohibição, confirmada em 754, por um conciliabulo heretico, subsistiu até 842. N'este ultimo anno, depois da morte de Theophilo, ultimo imperador iconoclasta, a imperatriz Theodora substituiu os editos de Leão o Isauriano e restabeleceu o culto das imagens.

A epocha mais florescente da arte bysantina foi no X século e mais particularmente no reinado de Constantino Porphyrogeneta.

No XI século, uma serie de graves acontecimentos precipitou a decadencia do imperio bysantino e trouxe por consequencia o enfraquecimento das artes. No XIII, XIV e XV seculos, as artes continuaram a desfallecer, até que, em 1453, os turcos, apoderando-se de Constantinopla, causaram a decadencia da arte bysantina.

CAPITULO IV

SUMMARY.—O estylo Roman desde o VIII até ao século X—Caracteres do estylo Lombardo — Planos das Igrejas — Cryptas — Baptisterios — Systemas de construcção — Abobadas — Pilares e columnas — Bases — Capiteis — Fachadas — Decoração monumental — Architectura, antes do século XI, nos outros estados sem ser na Lombardia: Italia central e meridional, Belgica e França — O estylo Roman durante o XI e o XII seculos — Character da Architectura Roman — Plano e distribuição das Igrejas — Cryptas — Baptisterios n'este século — Materiaes e modo de construir — Sepultura monumental — Fachadas — Portico das igrejas — Portaes — Portas e suas ferragens — Janellas e rosaceas — Maneira de resguardar da chuva as janellas e as vidraças pintadas — Absides — Pilares, columnas — Bases e capiteis — Arcadas e arcarias menores — *Triforium* — Cornijas e modilhões — Abobadas — Contrafortes — Madeiramentos — Torres — Modo de se lagearem os edificios — Pinturas muraes — Inscriptões lapidares — Altares — Piscinas — Tribunas — Cadeiras do côro e a separação da capella-mór do corpo da igreja — Capellas funerarias — Tumulos visiveis e occultos — Campas — Pias Baptismaes — Gradamentos — Alfaias religiosas — Calices e patenas — Custodias — Relicarios — Corôas suspensas nos altares — Lustres de forma de corôas — Cruzes para os altares e procissões — Castiças e tocheiros — Evangelharios — Capas dos livros do Evangelho — Thuribulos — Pias para agua benta — Pentes lithurgicos — Cadeiras para os sacerdotes — Baculos — Calçado lithurgico — Mitras — Tecidos bordados — Vestuarios sacerdotaes.

O periodo roman estende-se desde o VIII século até ao fim do XII. O estylo roman formou-se e desenvolveu-se debaixo da influencia combinada de tres elementos: 1.º, o estylo classico e latino, cujos monumentos existiam espalhados pela Europa meridional; 2.º, o estylo bysantino, cujos principios foram importados do Oriente; 3.º, o genio particular dos povos barbaros que invadiram a Europa desde o V século.

O estylo proveniente da influencia combinada d'estes tres elementos, chamou-se *roman*, porque a sua origem e duração coincidem pouco mais ou menos com a da lingua romanica. Por consequente a palavra *roman* indica, do mesmo modo que na lingua romanica, o elemento barbaro que contribuiu para a formação d'este estylo.

O estylo Roman desde o VIII até ao X século

A decadencia completa das bellas artes foi o effeito necessario dos movimentos politicos que a Europa soffreu durante tres seculos. Só os padres e os religiosos luctavam no meio d'este chaos, contra a barbarie e a força brutal dos invasores. O renascimento das artes foi lento, e do mesmo modo o das lettras, porque o solo da Europa occidental estava juncado de destroços amontoados, dos monumentos antigos; as tradições artisticas tinham-se perdido, e os principios haviam cahido em esquecimento.

Para a architectura e para as artes, a Lombardia foi, desde o VII até ao fim do X século, o principal centro d'este renascimento. O estylo formou-se n'esta epocha, ao norte da Italia, e recebeu o nome de *Lombardo*.

Caracteres do estylo Lombardo

O estylo Lombardo, ou o estylo Roman do norte da Italia, reinou n'este paiz desde o VIII século até ao fim do XII.

O plano da basilica Latina foi geralmente adoptado nas igrejas lombardas.

Na maior parte das grandes igrejas lombardas, as paredes internas são construídas com galerias.

As cryptas das igrejas lombardas estendem-se por baixo de todo o presbyterio, e formam verdadeiras capellas subterraneas, com muitas naves abobadadas.

Os baptisterios isolados, geralmente octogonaes ou circulares, usaram-se durante o periodo lombardo.

A maior parte dos edificios lombardos são construídos de tijolos.

Abobadas. A abobada em forma de *berço* con-

siste n'um semi-cylindro concavo e sem penetração alguma.

A abobada de *aresta*, assim chamada porque apresenta quatro arestas no intradoz, é formada pela intersecção ou penetração de duas abobadas de berço, com a mesma abertura e reunindo-se em angulo recto.

Os architectos lombardos fizeram grandes progressos na construção das abobadas. Antes do seu tempo não se conhecia além da cupula senão duas especies de abobadas: a abobada de berço, e a abobada de aresta romana.

As abobadas lombardas apresentam todas uma elevação em fôrma de zimborio, particularidade que pertence ao systema de construção seguido pelos architectos lombardos. Esta elevação dá ás abobadas das egrejas lombardas um aspecto particular.

Nas egrejas lombardas de tres naves, a principal tem sempre dobrada largura.

Como dissêmos, as abobadas da nave principal exercem sobre os seus pontos de apoio não sómente uma pressão vertical, mas tambem uma obliqua e lateral, que tende a fazer inclinar para fóra os pilares e as muralhas superiores. Nos edificios lombardos, esta pressão acha-se equilibrada pelo encontro opposto das abobadas altas e baixas das naves lateraes e em parte apoiada sobre os contrafortes exteriores, pelos arcos-butantes das naves lateraes e pelas porções de parede que supportam estes arcos.

Nos edificios antigos e nas basilicas latinas serviam-se de columnas cylindricas, pouco espaçadas e recebendo directamente as pressões verticaes de entablamentos d'um peso relativamente pouco consideravel. Os constructores lombardos substituiram o pilar composto de columnas pelo simples supporte cylindrico da basilica coberta de madeira.

Os caracteres dos pilares lombardos podem resumir-se da seguinte maneira: 1.º Os pilares apresentam uma secção rectangular ou quadrada e são ornados de pilastras ou de columnas envolvidas, recebendo as bases das nervuras e dos arcos-butantes. 2.º Não têm todas a mesma grossura, umas são menos, outras mais fortes, segundo recebem ao mesmo tempo as bases de todas as abobadas, ou das naves lateraes sómente. Foi desde a primeira metade do seculo viii que appareceram os pilares ornados de columna, desconhecidos na arte classica e empregados com profusão no Occidente pela arte na idade media. As columnas e as columnatas são ordinariamente construidas por fiadas de desigual altura de medio e pequeno apparelho; raramente são monolithas.

Essas columnatas dos pilares, quasi sempre delgados e muito elevados, chegam muitas vezes sem

interrupção até á origem das abobadas, e constituem um facto capital na historia da arte, porque são um dos elementos mais caracteristicos e fundamentais de quasi toda a architectura da idade media.

As bases lombardas approximam-se sensivelmente, pela sua fôrma, da base attica propriamente dita.

Estas bases são muitas vezes munidas d'um ornato destinado a ligar o lóro inferior com os angulos do plintho e a dar d'este modo uma apparencia de maior solidez dos angulos. Este ornato ou appendice recebeu o nome de *garra* ou *pala*.

As garras mais antigas são muito simples, as de data posterior representam ordinariamente cabeças d'animaes.

(Continúa).

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA

El-Rei o Senhor D. Luiz agraciou com a commenda da Ordem de Christo ao Presidente da Sociedade Franceza de Archeologia, Monsieur le Comte Arthur De Marsy, socio honorario da nossa Associação, que pelas suas scientificas publicações e uteis serviços prestados ás letras, é bastante conhecido no seu paiz, assim como pelas suas importantes investigações historicas em relação a Portugal sobre os negocios publicos das duas nações se tornava digno da benevolencia do soberano. Foi pois uma bem merecida distincção, pela qual os seus consocios e amigos com jubilo se congratulam.

O socio o sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa fez n'esta associação conferencias Paleon-ethnologicas sobre a controvertida questão da origem do homem, apresentando um resumo desenvolvido de como tem sido discutido este thema, e expondo opinião propria a fim de ser discutida e avaliada em relação a este importante assumpto. Estiveram concorridas as conferencias.

Foi offerecido pelo sr. Barão de Minas Novas um exemplar de ceramica dos Indios, de singular execução. E' de fôrma oval bastante concava e a sua polychromia está applicada com regularidade no desenho da composição. O barro é de duas qualidades diferentes, a das superficies externas é melhor, porém a que as separa é muito ordinaria. A faixa de duas côres que orna a borda d'este artefacto, não foi produzida por pintura liquida, mas sim applicada por um producto mineral.

Este curioso exemplar, descoberto na proximidade da cidade da Bahia, é de subido apreço para o nosso museu, porque é talvez o unico d'este genero que existe em Portugal.

O illustrado secretario da secção de Archeologia, o sr. visconde de Alemquer, foi agraciado pela nação hespanhola com a Gran-Cruz de Izabel a Catholica. Esta mercê é mui agradavel aos seus consocios que reconhecem o merecimento que possui tão sympathico varão. Receba pois o nobre visconde os parabens dos seus amigos e confrades.

Foram eleitos socios da nossa Associação o sr. Joaquim de Araujo, o dr. A. Berchon, francez, o architecto inglez-americano Maximiano Allardt, e o sr. Manoel Dias Lima, brasileiro.

O nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, recebeu um novo diploma, o de socio honorario da Sociedade Archeologica de Bordeus; com a singular particularidade que, não havendo n'aquella associação a classe de socios honorarios, reformaram os estatutos para lhe poderem conferir essa distincção como um testemunho da importancia que reconhecem nas suas constantes investigações archeologicas. São as expressões que o secretario geral d'essa benemerita sociedade exarou no officio em que participava ao nosso estimado presidente este novo titulo de extrema consideração. Ainda bem que as Nações que sabem dar valor aos trabalhos scientificos, não olvidam os nossos patricios que se tem feito distinctos pelos seus aturados e uteis trabalhos. Não é sómente uma subida e merecida distincção conferida ao nosso consocio, é mais principalmente a Portugal, onde pouco caso se faz dos relevantes serviços scientificos de seus filhos.

NOTICIARIO

Estão dois artistas distinctos de Allemanha Mrs. Bühlmann e Wagner preparando uma vista de Roma no principio do iv seculo. em que a capital do mundo antigo attingiu o seu maior desenvolvimento antes que monumentos architectonicos tão sumptuosos fossem destruidos pelos barbaros. A cidade será vista do alto do Capitolio em dia festivo, quando Constantino ahi fez a sua entrada triumphal. A pompa d'esta solemnidade presta-se admiravelmente para dar aos soberbos edificios subida magnificencia. Este trabalho consideravel de restauração, porque não serão só representados em perspectiva os numerosos edificios da cidade, mas tambem o campo, os aqueductos, as vias romanas ladeadas pelos tumulos, casas de campo dos senadores, satisfará aos amadores de antiguidades que em Munich poderão admirar n'este anno aquella novo panorama.

Em uma sepultura megalithica, descoberta em Collorgues, proximo de Gard (França), achou-se a representação de uma figura de mulher.

Esta pedra gravada do dolmen, que estava destinada para servir de degrau, porque na face

opposta ao solo é que havia a esculptura, não tinha sido vista. Occupa a terça parte da superficie uma tosca imagem a qual tem o rosto de fórma circular; na parte superior do circulo ha uma pequena fórma aguda que indica o nariz e dois pontinhos cavados de cada lado representam os olhos: dentro do mesmo circulo, quasi pelo centro d'elle, em relevo, ha duas elevações circulares que figuram o seio: partindo do nariz saem dois arcos um pouco dobrados na metade do seu comprimento, com extremidades grossas e redondas, como se fossem braços, e ficando por baixo do circulo do rosto quasi juntos. Logo mais abaixo ha um objecto que parece ser uma hacha encavada.

A pedra tem naturalmente a fórma de um corpo, sem outro feitiço humano, acabando em ponto bicudo. É de grés digoeño. A face foi desengrossada com pequenos golpes de percutores de silex e foi depois com muita pachorra polida com raspadeiras tambem de silex; sendo por esta maneira que o artista prehistorico ponde conseguir dar algum relevo á figura e ao instrumento que limita este esboço humano.

E' curiosa e singular semelhante esculptura. A sua incorrectissima configuração dá-nos a conhecer o esforço que a intelligencia tentava para produzir o corpo humano.

Tunis tem já um museu de antiguidades, como ha muito possui o Cairo. Este novo museu situado no Bardo, contém uma secção epigraphica, estatuas, inscrições punicas, lybicas e latinas, de grande merecimento artistico, e fragmentos de architectura. Admira-se um mosaico de 140 metros, que foi descoberto em Sousse, representando o *Cortejo de Neptuno*. O Deus sobre um carro occupa a parte central, e em roda grupos de diversas divindades do Oceano adornadas com os seus attributos e montadas nos seus cavallos marinhos. Em Tunis tambem está para se installar um museu de bellas artes, de ethnographia e de industria tunisina,

Effectuou-se em Chicago a trasladação de uma ponte inteira que havia sobre o rio que tem o mesmo nome. No logar onde se construíram os pilares, collocaram-se caixões de madeira cheios de agua e sobre elles pozeram cavalletes que chegavam á altura em que a ponte estava formada; tirando se a agua dos caixões foram estes levantados em pezo pelo mesmo processo como n'um dique se levanta um navio.

Proximo da cidade de Roquefort (França) descobriram-se em uma gruta esqueletos humanos, havendo entre elles objectos que foram expostos com os corpos dos defunctos; alem de perolas feitas com a parte mais espessa da concha, rochas diversas, objectos de cobre, uma folha de faca e braceletes de azeviche.

Um guarda do campo descobriu duas espadas de bronze em tumulos do Jura, onde os esqueletos estavam rentes do solo circumvisinho, tendo as cabeças para o oriente.

A cathedral protestante de S. Paulo em Buffalo, ficou completamente destruida por um incendio causado por explosão de gaz natural nos carneiros.

Em Roma sobre a *via Salaria* descobriu-se um sarcophago, que é um dos melhores monumentos d'este genero que se tem achado da antiguidade, sendo a sua conservação perfeita.

A melhor maneira de evitar a humidade das paredes é revesti-las com a seguinte composição: — Juntar ao breu duas libras de cal em pó e uma libra de vidro moido. Com esta pasta sufficientemente consistente se revestem as paredes humidas que ficarão de todo seccas, por mais humido que seja o chão.

As escavações feitas em Thebas á roda das ruínas do Templo dos Cabires deram resultados inesperados. Acharam-se em pouco tempo, mais de 500 estatuas, representando pelo maior numero animaes: leões, porcos e passaros. Estas estatuas desenterradas com muito cuidado, serão transportadas para o museu de Athenas.

Em Vosges (França) acharam, em Thionville, *torques* (collares e braceletes), machados de jadeita e calcareo, assim como uma espada e navalha de bronze.

O monumento que vae erigir-se na cidade de Cracovia ao celebre poeta polaco Mvekiewicz, será o maior d'este genero que haverá na Europa, pois terá 15 metros de altura.

NECROLOGIA

CONSELHEIRO JORGE CESAR DE FIGANIÈRE

À memoria de um digno socio d'esta Real Associação, o conselheiro Jorge Cesar de Figanière, que pelas suas exemplares qualidades como pelos dotes intellectuaes era tão distincto, cumpre-nos tributar os nossos sentimentos de merecida veneração e de cordeal e antiga amisade. Todas as pessoas que tiveram a ventura de o conhecer e de apreciar a sua superior intelligencia deploraram o seu prematuro passamento.

Este respeitavel cavalheiro, fallecido em Lisboa no mez de abril ultimo, serviu a sua patria com denodo e abnegação, com o unico intuito de concorrer para conquistar a liberdade do pensamento, assim como desenvolver a civilisação do seu paiz: se arriscou a sua existencia para alcançar esse triumpho, foi tambem porque o amor á sua patria não era inferior ao seu entranhado empenho de contribuir para o progresso da civilisação.

A sua culta intelligencia dotou as letras com uteis publicações, e proporcionou-lhe prestar serviços relevantes a Portugal; desenvolvendo conhecimentos especiaes em diplomacia, pelos quaes grangeou merecidos louvores e recebeu honrosas distincções.

Essa desvelada dedicação ás letras e á sciencia fez-lhe igualmente colher documentos de maximo interesse para a historia patria, e reunir uma selecta colleccção de gravuras raras e de moedas escolhidas, a qual era citada como um dos melhores medalheiros possuidos por um particular em Portugal.

Pelo seu trato lhano e cortez captivava a sympathia de quem o visitava, e era considerado pelas pessoas mais illustradas e illustres, nacionaes e estrangeiras, com demonstrações assaz lisongeiras, as quaes não só deram ufania ao finado director geral dos negocios estrangeiros, como igualmente ennobreciam a nação a quem este meritissimo funcionario servia.

Desejariamos ser mais explicitos como era mister, occupando-nos d'um socio tão conspicuo, mas outro mais competente, e não menos affectuoso, se encarregará do respectivo elogio; pois tivemos só em mente patentear o nosso saudoso pezar de verdadeiro amigo e admirador ao recordar os traços principaes da sua prestante existencia.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.